

O TEXTO ARTÍSTICO COMO GÊNERO
DO DISCURSO: UMA ANÁLISE DOS PORTAIS
NOSSA BRASILIDADE E TERCEIRA MARGEM
DO RIO NUMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

*Deivison Brito Nogueira**

RESUMO

O artigo busca compreender textos de artistas evangélicos utilizados para mobilizar discussões sobre novas formas de significação e representação cultural. Serão analisados os textos de dois portais: *Nossa Brasilidade* e *Terceira Margem do Rio*. Busca-se compreender como os textos rearticulam sentidos de representações hegemônicas presentes na música, literatura etc. Os textos possuem uma comunicação dialógica e evidenciam perspectivas abrangentes não apenas circunscritas ao âmbito religioso. A polifonia de vozes compõe uma pluralidade que se enriquece sem perder a singularidade. Utiliza-se como quadro teórico de referência os conceitos de dialogismo e gênero do discurso no Círculo de Bakhtin e a estrutura constitutiva dos gêneros, a saber: o estilo, o conteúdo temático e a construção composicional.

Palavras-chave: Comunicação; Texto. Gêneros do discurso; Dialogismo; Bakhtin

INTRODUÇÃO

Desde que o homem faz uso da palavra, existe a necessidade de se comunicar por meio dos textos escritos. A palavra começa a ser utilizada quando o homem supera os níveis básicos provenientes da comunicação “natural”, olhares e gestos de expressão corporal. Os atos começam a articular-se de forma significativa com a evolução e a interação em seu meio social, na combinação de sons e códigos estabelecidos em leis e convenções. O desenvolvimento do cérebro possibilitou criar representações abstratas e a sua

* Universidade Metodista de São Paulo. Jornalista, Mestre em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e Doutorando em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) sob orientação do Prof. Dr Dimas A. Künsch. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E-mail: deivisong3@gmail.com

adequação fonética. A representação sonora torna-se capaz de expressar o mundo, material ou espiritual. Assim, com interação verbal, a fala possibilita ao homem trocar experiências, emoções e saberes concernentes à vida.

Na busca por entender como alguns textos são constituídos, o artigo tem por objetivo investigar as relações dialógicas de textos artísticos inscritos sob determinadas esferas de produção e de uso e como seus elementos se configuram em um enunciado real. Há uma série de particularidades que constituem os textos artísticos como gêneros do discurso: a escolha temática, guiada por interesses próprios; a menção a outros textos de forma intertextual e dialógica; a forma estilística, vinculada às instâncias socioculturais de origem e formação, dentre outras coisas.

Cabe ressaltar que nos referimos aos textos artísticos não como “tipos textuais”, mas como gêneros do discurso, por se tratarem de textos que derivam de outros, ao fazerem uso de outros discursos para se constituírem-se em sua particularidade e forma estilística. Qualquer enunciado, oral ou escrito, possui vínculos com enunciados precedentes e, a partir deles, produzem novos enunciados. Assim, os gêneros dos discursos são dialógicos por excelência, pois a retomada de outros textos permite a construção novos enunciados dentro da cadeia dialógica. Um texto nunca é em si mesmo, está sempre em contato com outros textos. Feitas as aferições, apresentamos de maneira panorâmica, os principais conceitos do chamado Círculo de Bakhtin, a saber: o dialogismo, arquitetônica, os gêneros dos discursos, e a maneira como se constituem em um enunciado verbal.

O CÍRCULO DE BAKHTIN

Por sua característica dialógica, o Círculo de Bakhtin¹ possui uma pluralidade de vozes em seu interior numa espécie de arquitetônica (BRAIT, 2018), isso permite dizer que “cada conceito do círculo é um ‘eu’ da arquitetônica, cada definição de conceito permite enxergar a extensão do todo, a importância individual do conceito reflete e refrata as suas relações com todos os outros” (SOUZA, 1999, p. 85).

Bakhtin procura compreender a ideologia e a sua relação de materialidade com os signos. Para o autor “um produto ideológico faz parte de uma

¹ Círculo de intelectuais russos formado por Mikhail Bakhtin, Valentin, Volochinov, Pavel Medvedev e outros. Elisabeth Brait (2010) utiliza a expressão “Bakhtin e o Círculo” como forma de tirar a centralidade de Bakhtin e abarcar os demais autores. A autoria dos textos, segundo Emerson & Morson (2008) é ainda uma questão não consensual.

realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas ao contrário destes, ele reflete e refrata outra realidade, que lhe exterior” (BAKHTIN, 1995, p. 31). Todo produto ideológico adquire uma característica de materialidade que lhe dê sentido.

O autor russo estava insatisfeito com o tratamento dado por Marx e Engels à ideologia, relegando-a a uma concepção mecanicista. A relação estrutura/superestrutura tenta estabelecer princípios de causalidade entre os eventos da esfera socioeconômica e sua reverberação na sociedade. A ideologia compreendida como “falsa consciência” em termos marxistas, no Círculo de Bakhtin, ganha outra concepção: a “ideologia do cotidiano”, vista em sentido dialético com a ideologia “dominante”. A ideologia do cotidiano pode ser compreendida como “aquela que brota e é constituída nos encontros casuais e fortuitos, no lugar do nascedouro dos sistemas de referência, na proximidade social com as condições de produção e reprodução da vida” (MIOTELLO, 2018, p. 169).

Bakhtin, há seu tempo, não dedicou nenhum estudo sobre os discursos dos meios de comunicação, mas caberia dizer que a “ideologia do cotidiano” é aquela encontrada nos discursos dos meios e a sua rearticulação pelos sujeitos. Mais do que afirmar “o que meios fazem com as pessoas”, caberia questionar, “o que as pessoas fazem com os meios de comunicação”?

Nesse sentido, é preciso considerar as duas concepções de ideologia: a oficial (dos meios) e a cotidiana, (que circula na sociedade) na produção de novos sentidos em caráter dialético, não causal. Pode-se, possivelmente, encontrar num jornal de grande circulação a seguinte manchete: “reforma trabalhista é necessária para o país gerar novos empregos” e do outro lado, um grupo de amigos desempregados sentados na praça refutando os sentidos da manchete. É no embate entre diferentes discursos que a ideologia do cotidiano faz circular novos sentidos na sociedade, por meio da rearticulação e ressignificação dos sentidos dos discursos dominantes.

Por essa razão, a ideologia não pode ser vista como “falsa consciência” em termos estritamente marxistas. Ela sempre estará ancorada, axiologicamente, sob um ponto de vista determinado e pressuporá uma “atitude responsiva ativa” sujeito. Bakhtin dirá que:

O ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para

executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. A compreensão passiva das significações do discurso ouvido é apenas o elemento abstrato de um fato real que é o todo constituído pela *compreensão responsiva ativa* e que se materializa no ato real da resposta fônica subsequente (BAKHTIN, (1953[1997a]), p. 290 – grifos no original).

Poderíamos, grosso modo, dizer que Bakhtin antecipou o que iria desenvolver-se primeiramente na Inglaterra com os Estudos Culturais Britânicos e o olhar voltado para os sujeitos, sobretudo nos estudos de Stuart Hall e na América Latina com Jesús Martín-Barbero e os “Estudos de Recepção”². Já havia nas reflexões do autor russo em meados do século XX, um olhar epistemológico renovado à figura do receptor, de não o relegar a um “sujeito passivo” do processo comunicacional, mas um ente constantemente ativo e participativo de todo o processo.

O DIALOGISMO NO CÍRCULO DE BAKHTIN

A linguística estrutural de Ferdinand Saussure³ tinha como premissa básica tornar a língua um objeto de investigação isolando-a de seu contexto de produção e de uso. Essa “brecha” nos estudos estruturalistas da linguagem, mobilizou inúmeros filósofos, dentre eles Mikhail Bakhtin, a propor novos modelos de investigação filosófico-linguística. Uma delas é em compreender a língua como atividade real e como a interação verbal ocorre por meio da linguagem, o que possibilitou ao autor russo a propor uma nova concepção de estudo da linguagem: o dialogismo, ou a linguagem dialógica.

O dialogismo surge num primeiro momento da crítica à filosofia idealista do início do século XX ao questionar como a consciência individual age sobre a consciência do outro. Segundo Bakhtin, a consciência individual, por mais que responda a um interlocutor implícito, não pode ser dialógica, pois sozinha

² Para um maior aprofundamento da questão, ver: MARTÍN-BARBERO, Jesús. “**Dos Meios às Mediações:** Comunicação, Cultura e Hegemonia. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

³ Descrito em seu “Curso de Linguística Geral” organizado por seus alunos a partir de anotações feitas em aula.

é somente capaz de produzir um monólogo. Para ser dialógica, a consciência, implica estar em contato com outras consciências por meio da palavra num constante diálogo entre sujeitos, “a palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz” (BAKHTIN, 1997b, p. 203).

Essa concepção dialógica recebe a alcunha de “linguística da enunciação” e passa a representar todas as demais linhas de investigação de estudo da língua, como a análise do discurso, a linguística textual, a análise de conversação, entre outras. Elas se inserirem, em sentido mais amplo numa perspectiva pragmática da língua⁴ (TRAVAGLIA, 1996). A pragmática linguística tenta compreender a linguagem e a estrutura do enunciado verbal. Cada modo de enunciação tem seu modo de produção e recepção com base nas “manifestações linguísticas produzidas por indivíduos concretos em situações concretas sob determinadas condições de produção” (KOCH, 1995, p. 11).

Bakhtin cria as balizas para uma teoria da enunciação ao considerar a linguagem como um fenômeno sócio-ideológico ao mesmo tempo em que faz uma dupla recusa: ao “subjetivismo idealista”, que impede o sujeito de perceber a língua em sua situação real e a ideologia como estruturante do processo comunicativo, e ao “objetivismo abstrato”, que reduz a linguagem a um mero sistemas de formas abstratas. Bakhtin considera Saussure o principal representante do “objetivismo abstrato” por afirmar que a fala não se enquadraria como um objeto de estudo da linguística.

O “subjetivismo idealista” compreende a linguagem como reflexo do pensamento situando-a na consciência e não nos modos de interação. Uma obra de arte, sob o ponto de vista semântico “é, em princípio, acessível a qualquer consciência individual. Mas o que constitui seus valores e seu sentido (símbolos inclusive) só é significante para indivíduos ligados por condições comuns de vida” (Bakhtin, 1997a, p. 409). Por essa razão, Bakhtin a reitera a consciência dialógica em detrimento de uma consciência monológica, pois os sentidos só dão na relação, contando aos outros o sentido do outro.

Cabe ainda ressaltar que no Círculo de Bakhtin, o estudo da língua não deve estar apenas submetido à análise linguística, é preciso estudá-la também pela metalinguística, isto é, “além da linguística”, considerando as relações dialógicas na interação e na interdiscursividade entre discursos. Trata-se de uma postura epistemológica de não relegar o objeto de estudo apenas ao so-

⁴ Do grego, *pragma*, ação.

cial ou ao linguístico, mas permitir que a análise se volte “para dentro e para fora, para o texto e para o contexto” (Fiorin, 2007, p. 77). Essa é uma das principais premissas epistemológicas que distinguem os estudos do Círculo de Bakhtin das demais linhas de estudos formalistas da língua. Em última análise, estamos falando de uma concepção de investigação que considera a língua “em sua integralidade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística” (BAKHTIN, 1997b, p. 181).

A grande contribuição teórica de Bakhtin para a filosofia da linguagem, quer no sentido Kantiano, “da razão pura”, da busca por melhores condições de possibilidade do discurso, quer no sentido Marxiano, da crítica às ideologias, é o exame filosófico da linguagem que considera a língua (*langue*) e a palavra (*parole*) a partir de um prisma renovado do signo verbal e não verbal, a formação da consciência discursiva subjetividade do sujeito falante. É essa “dimensão dialógica das palavras que, segundo Bakhtin, deve ser recuperada em uma crítica no sentido filosófico que leve em conta a ‘matéria linguística’ da qual as ideias são necessariamente feitas” (PONZIO, 2010, p. 55).

OS GÊNEROS DO DISCURSO

Em seu ensaio intitulado “Os gêneros do discurso”, Bakhtin (1997a) afirma que a distinção em relação à diversidade dos gêneros só pode ser feita com base em algum critério específico. Tentar classificar os diversos tipos de gêneros beiraria à insanidade, pois seu caráter heterogêneo e instável impossibilitaria qualquer classificação. Mais do que classificá-lo ou enquadrá-lo numa lista, para o autor russo, o mais importante é debruçar-se sobre as características que compõe um determinado gênero do discurso.

As características se evidenciam por meio da utilização da língua na forma de enunciados inscritas sob determinadas esferas de atividade e do uso do gênero. “O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) (...), mas também, e sobretudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 1997a, p. 280). Estes são os três elementos constitutivos do enunciado verbal e que caracterizam um gênero do discurso: o estilo, o conteúdo temático e a construção composicional. Cada uma dessas instâncias realizam-se a partir dos elementos constitutivos que distinguem um determinado gênero do discurso.

Em todo ato de fala há um gênero do discurso implícito que orienta a comunicação verbal. A ausência dos gêneros certamente traria sérios problemas à comunicação, pois um indivíduo sempre reelabora sua intenção textual

ou discursiva com base em um gênero do discurso anterior, considerando o quanto ele pode ser útil para tratar do tema proposto. Tendo em vista as particularidades que caracterizam a esfera discursiva em que um dado enunciado é criado, “cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 1997a, p. 279 - grifos no original). Essas inúmeras “esferas da comunicação verbal geram um tipo de gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico” (idem, p. 284). Os gêneros do discurso representam, portanto, os elementos “relativamente estáveis” de em enunciado.

No que tange ao conteúdo temático, Fiorin (2006, p. 62), dirá que ele “não é o assunto específico de um texto, mas é um domínio de sentidos de que se ocupa o gênero”. Já o estilo se mostra a partir de “uma seleção de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa”. E a construção composicional seria a maneira como o texto se apresenta em sua inteireza, em estrutura dividida em partes, o que Sheila Grillo (2007, p. 30) diz a ser a “organização que se passa ao nível da totalidade e da articulação das partes, dirigidas para um fim” e que ganha corpo no processo de escrita.

Elementos como, estrofe, verso, parágrafo e epígrafe dão ao texto a sua estrutura composicional, considerando que “estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação” (BAKHTIN, 1997a, p. 280).

A forma confere uma característica singular ao gênero, uma vez que o enunciado é expresso de determinada maneira e não de outra. Nesse sentido, forma e conteúdo temático estão em estreita relação, pois à medida em que um enunciado é formado por uma construção composicional específica, ele também se tornará um gênero do discurso específico. Cada modo peculiar de produzir um gênero do discurso está “sempre ligado ao princípio da particularidade, o que permite dizer, por exemplo, que cada indivíduo tem uma característica que lhe é própria quando produz um discurso” (Cortina, 2013, p. 220).

Além disso, como diz Dominique Maingueneau (2004, p. 66), “todo gênero do discurso visa um certo tipo de modificação da situação da qual participa”. Os gêneros do discurso recebem tamanha importância porque propõem reelaborar os sentidos dos discursos circulantes das esferas onde atua, ao mobilizar novos olhares e pontos de vista ainda antes não desbravados ou percebidos.

Mesmo o gênero literário sendo, digamos, o mais fácil de ser identificado, classificá-lo não é tão simples como parece, porque são várias as características que distinguem este gênero em específico. Quanto a isso, Bakhtin (1997a) propõe uma variação que corresponde a natureza dos gêneros no que se refere aos (primários), mais simples e os (secundários), mais complexo. Ambos distinguem-se em âmbito enunciativo. Os gêneros primários são comumente utilizados nas esferas da vida cotidiana, no diálogo informal, no bilhete, etc. Os gêneros secundários são da ordem mais sofisticada do uso da língua, onde os enunciados se mostram de maneira mais complexa. Correspondem aos discursos de divulgação científica, peças de teatro, romances, entre outros.

Vale lembrar que essa variação não deve ser compreendida de maneira estanque, pois ambos os gêneros, primários e secundários, podem apropriar-se uns dos outros e gerar novos gêneros, com características próprias da esfera de enunciação em que estão inscritos. O diálogo informal de duas personagens dentro de uma romance literário pode adquirir características de ambos os gêneros, pois estão inseridos em um dispositivo complexo de difícil decifração.

As formas complexas de uso dos gêneros podem ser úteis para o pesquisador dedicar um estudo mais aprofundado acerca da natureza dos enunciados. Quanto a isso, há dois pontos fundamentais sobre a natureza dos gêneros: sua disposição dialógica, sendo ele a instância própria de interação entre diferentes discursos e; a estreita relação que se estabelece entre estilo e enunciado com o objetivo de convencer o leitor daquilo no qual se propôs a comunicar.

Essas estratégias ocorrem em “condições determinadas, em função de uma dada abordagem do problema, do material, dos objetivos por atingir, ou seja, desde o início ele estará dentro dos limites de um *intuito definido pelo autor*” (BAKHTIN, 1997a, p. 300 – grifos no original). A intenção estilística e o “querer dizer” do autor irá determinar o enunciado “em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc.” (idem, p. 301).

Um estudo aprofundado dessa natureza consiste em “recuperar quem fala, em que circunstâncias, quem participou da situação concreta, que expressão tinha, como era sua mímica ao falar, as nuances de sua entonação” (CAMPOS, 2009, 126) considerando o quanto as palavras, em seus diversos

usos e contextos, podem adquirir diferentes sentidos. Essas variações, em sentido mais amplo, apontam uma temporalidade, onde determinadas produções literárias se estabelecem em um momento específico da História, o que Bakhtin chama de “cronotopo”, isto é, a relação espaço/tempo em que uma determinada obra se estabelece e como ela pode transcender as categorias tempo/espaço em que foram criadas. Cabe ressaltar que esses atributos valorativos são subjetivos e “por não existirem em si mesmos, como entidades absolutas, são transformações semióticas de sistemas culturais produtores de sentido” (MACHADO, 2010, p. 209).

TERCEIRA MARGEM DO RIO: ANÁLISE

Os textos do portal *Terceira margem do rio*, não possuem título, são separados apenas por uma “hashtag”, símbolo de um jogo da velha, seguida de um número. No lugar do título, há em alguns textos epígrafes com menção a trechos bíblicos ou a citação direta de filósofos. O portal abriga 214 textos, poucos deles assinados, o que torna difícil atribuir autoria. Os textos são escritos a dez mãos, individualmente, mas de forma responsiva e dialógica. Dentre os autores estão: escritores, teólogos, artistas, filósofos e professores.

Sobre o conteúdo temático, os textos abordam temas do cotidiano, reflexões sobre o humano, social, cultural, filosófico, ético e estético. Os sentidos construídos trazem o ponto de vista do autor em convencer o leitor a pensar sob uma perspectiva teológico-reflexiva. O estilo se mostra nas formas estilísticas, de composição, na escolha de certos tópicos frasais, no uso de palavras em seu caráter semântico e sintático.

Há sempre um interlocutor presumido na forma como os enunciados são construídos. A construção composicional ocorre numa disposição em que partes do texto constituem o todo. As intenções textuais mostram-se nessas construções e em citações e epígrafes de outros autores. No que tange à classificação dos gêneros, os textos equivalem aos gêneros primários, os enunciados circulam de maneira fluida, coloquial e direta. Estabelece-se uma certa relação de proximidade entre enunciadador e interlocutor, que nos termos de Roman Jakobson (2008) equivale a sua a função poética. É o que se mostra no texto “#4”.

#4

Um dia destes me peguei assistindo a um filme que romantizava a –até hoje controversa– identidade de Shakespeare. O filme não era particularmente bom

(muito embora qualquer coisa que contenha trechos de textos assinados por Shakespeare dificilmente seja ruim), mas uma frase da personagem principal me chamou à atenção: “toda arte é política.” O conceito não é novo. Mas a simplicidade e o poder desta afirmação (especialmente em seu contexto), ao menos para mim, foram de tirar o fôlego. Até mesmo porque esta frase não se aplica apenas à arte (até porque não há um consenso a respeito do que “arte” seja). É evidente que eu não compreendi a palavra “política”, neste contexto, como alusão à partidária, mas no sentido de apoiar ou contestar as relações de poder estabelecidas. Explicando melhor: quem faz humor têm de escolher (de preferência conscientemente) se ele a) quer se juntar aos dominantes e induzir o riso às custas das minorias e dos excluídos; b) se ele quer fazer seu público rir à custa dos dominantes ou “dominadores”; ou c) se ele quer levar as pessoas a rirem de si mesmas. Evidente, também, é que quem exerce o papel de dominante/opressor e/ou minoria/excluído depende do contexto. O estereótipo do evangélico num grupo de homossexuais estereotipados é tão risível quanto, talvez, o estereótipo do homossexual entre evangélicos estereotipados. E quando um grupo se ri do outro, é fácil esquecer que há ainda um terceiro grupo que, fugindo dos estereótipos, pertence aos dois. Em suma: um testemunho religioso em que tudo no “mundo” era “mau” e tudo na igreja é “bom”, além de inverossímil e ingênuo, beira um desserviço e apenas reforça o *status quo*.

O autor do texto trata sob dimensão simbólica aspectos ligados à arte a partir de uma postura reflexiva e não reativa, enxerga de dentro os problemas de seu meio social sob uma perspectiva de fora, o que Bakhtin chama de “excedente de visão estética”. Isso equivale dizer que “um sentido só revela as suas profundezas encontrando e contando aos outros, o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de diálogo que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas” (BAKHTIN, 2017, p. 19). O sujeito possui uma atividade responsiva e é também responsável pelos enunciados que emite de forma ética e estética. De forma semelhante, os textos #99 e #162 trazem uma preocupação filosófica em relação à palavra e à imagem respectivamente.

#99

Cada vez mais, no tempo em que vivemos, a realidade é mediada por imagens que produzimos [...] tais imagens ora se comunicam com a realidade de cada um, ora constituem-se mera espetacularização do trivial. Assim, verdadeiras ou

falsas, todas as imagens são forjadas. Isso porque a imagem não é a realidade e à despeito do quão fiel se pretenda ser, é inanimada e jamais traduzirá por completo a existência. Onde não há vida, a vida não se traduz. Entretanto, vivemos para forjar imagens de nós mesmos [...] buscamos nos apresentar “interessantes” ao público e esquecemos o quanto isso pode se tornar cansativo. [...] Tudo o que é produzido e consumido está dotado de valor simbólico e serve para traduzir uma multiplicidade de perfis. A Bíblia diz em Gênesis 1:26, que DEUS fez o homem à Sua imagem e semelhança, lhe dando o direito e dever de exercer domínio sobre o restante da criação. O que ELE imprime no homem, assim como a atribuição que lhe confere, diz algo à respeito dELE. Em nós, DEUS forjou Sua imagem. A diferença elementar entre a imagem que ELE forja e as imagens que produzimos é que a dELE tem vida. Além disso, essa imagem não é um fragmento da realidade, ela é a própria realidade. A imagem do Criador se traduz na existência humana, pois onde há vida, a Vida se traduz. A Palavra diz quem você é.

#162

“Quão silencioso terá sido este mar; quão preparado para o assombro da palavra!” George Steiner

No texto *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem* Walter Benjamin afirma que no “haja” e no “Ele chamou” presentes nos primeiros versículos de Gênesis 1, vemos uma clara relação entre o ato criador e a linguagem. Tudo começa com a onipotência criadora da linguagem divina, e ao final, a linguagem incorpora a si o criado, ela o nomeia. Para Benjamin: “Em DEUS o nome é criador por ser palavra, e a palavra é saber por ser nome. ‘E DEUS viu que isso era bom’, isto é: Ele conheceu pelo nome. A relação absoluta do nome com o conhecimento só existe em DEUS, só nEle o nome, porque é intimamente idêntico à palavra criadora, é puro meio do conhecimento. Isso quer dizer: DEUS tornou as coisas cognoscíveis ao lhes dar nomes. Mas o homem só nomeia as coisas na medida em que as conhece” [1]. Em outras palavras, o homem é aquele que conhece na língua em que DEUS cria. Sua essência é a linguagem em que ocorreu a criação. Contudo, de acordo com Gênesis, ao criar o homem, DEUS não o cria a partir da palavra, e ele não o nomeia. DEUS pôs no homem a linguagem que Lhe havia servido como meio da criação. DEUS descansou após depositar no homem seu poder criador. Em Gênesis 2:19-20a lemos: “Havendo, pois, o senhor DEUS formado da terra todos os animais do

campo e todas as aves do céu, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres viventes, esse seria o nome deles. Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos” [1] Benjamin, Walter. Escritos sobre mito e linguagem. São Paulo, SP: Editora 34, 2013, p.61

Em suma, os textos tratam do mesmo conteúdo temático, “aquilo que vejo não corresponde à realidade”. O primeiro traz uma reflexão sobre a imagem e o outro sobre a palavra. No texto #99, o autor se depara com um dilema filosófico: considerar a realidade como um espelho do mundo. Há uma citação do livro dos Gêneses. Há também uma dicotomia difícil de ser compreendida: quais seriam as imagens produzidas pelo homem e quais seriam as imagens produzidas por Deus? uma resposta possível talvez estaria no trecho “a imagem do Criador se traduz na existência humana, pois onde há vida, a vida se traduz”. Ambos os textos utilizam gêneros discursivos que visam convencer o leitor do conteúdo temático da qual transcorre. É como um óculos que o autor pede para o leitor colocar e assim enxergar a realidade a partir daquele prisma.

No texto #162, há uma citação de Walter Benjamin, intelectual alemão da segunda metade do século XX acerca da linguagem a humana vista de maneira epistemológica. Benjamin traça dois paralelos em relação à ação de Deus na criação humana: no “aja”, Deus cria todas as coisas, e no “Ele chamou”, cria a linguagem. Benjamin assevera que o homem adquire capacidade de nomear quando passa a conhecer. E o conhecimento humano não pode ocorrer a não ser de forma compartilhada, pela experiência, diálogo, troca, no contanto com outras consciências. O autor admite que o homem possui uma capacidade inata para a linguagem, mas que essa ela só pode ser adquirida em situação de interação. No que tange à classificação, os textos correspondem à esfera dos gêneros primários, o uso da língua na forma de enunciados ocorre de maneira fluida e coloquial.

NOSSA BRASILIDADE: ANÁLISE

Os textos do portal *Nossa Brasilidade* tratam de temas relacionados à arte produzida por cristãos por meio de um olhar renovado sobre questões artísticas e estéticas. Diferentemente de *Terceira margem do rio*, os textos do *Nossa Brasilidade* não fazem menção a trechos bíblicos. A maioria dos textos é de autoria e do cantor e compositor brasileiro Marcos Almeida com con-

tribuição de outros artistas e intelectuais que refletem o cenário da música evangélica brasileira, como Jorge Camargo, Rodolfo Amorim entre outros. A seguir, estão três textos de autoria de Marcos Almeida:

Estilo Musical e Circuito Cultural: O que aconteceu na Som Livre em 2012 que pode alterar a relação entre música e mercado?

Quando comecei a escrever no blog Nossa Brasilidade, uma missão se mostrava urgente: criar um novo vocabulário de comunicação que melhor correspondesse à confluência fé, pensamento e arte no século XXI. Depois de três anos, acho que conseguimos alguns avanços:

1. A distinção entre estilo musical e circuito cultural.

Por ser de origem evangélica e gerada depois de 1985, qualquer música de crente vinha com o rótulo gospel. Até onde eu sei, foi na Som Livre, no ano de 2012, que isso deixou de ser uma regra. Depois de algumas longas conversas com diretores artísticos e departamento de comunicação da companhia, a Som Livre decidiu aderir à minha proposta de que era necessário usar parâmetros musicais para classificar música e trabalhar mercado utilizando a cena cultural do artista.

Ou seja, enquanto gênero musical a banda Palavrantiga era uma banda brasileira de rock. Mas, considerando mercado de atuação, a diversificada praça construída pelas igrejas evangélicas era o ponto de partida – aqui entraria alguns eventos de marca gospel e a efervescente cena hipster de produtores cristãos descontentes com o rumo do mercado de entretenimento religioso.

Quando no Itunes a pessoa responsável por categorizar os discos que lá chegava inseriu “rock nacional” e “música brasileira” no nosso registro, superamos quase vinte anos de um paradigma contraditório, auto punitivo, segregacionista, ultrapassado e vencedor. Sim! Porque isso aconteceu quando o Gospel estava celebrando o Troféu Promessas, o reconhecimento das grandes mídias, a inclusão na Lei Rouanet, os maiores cachês, uma rede astronômica de consumidores fiéis, o abraço da Regina Casé, enfim, o pós-movimento-gospel dava um pequeno e importantíssimo passo enquanto os representantes do outro modelo subiam no pódio para cantar o hino da vitória!

Distinguir música de mercado é uma tarefa para a nossa geração. Para que? Para que a esfera econômica não ultrapasse seus domínios. Para que som, silêncio e sentido não sejam organizados e classificados a partir da lógica do vendedor, mas a partir das estruturas da própria arte; portanto, categorias musicais para

música, categorias mercadológicas para mercado. E, caramba, isto é fantástico: para que o mundo descobrisse a espiritualidade dentro da música não litúrgica! Ela está lá, como sempre esteve na poesia e em toda arte; ou seja, não é monopólio do mercado religioso. Mas, essa distinção, sobretudo, nos ajuda a viver uma vida mais plena. Depois de três anos, acho que conseguimos alguns avanços. Distinguir gênero musical de circuito cultural é uma pequena amostra disso. Temos outras histórias para contar. Hoje, celebro, pela graça, esse pequeno e importantíssimo passo!

Marcos Almeida

UMA OUTRA BRASILIDADE: Do que estou falando esse tempo todo, mas você ainda não entendeu!

A preguiça intelectual prefere chamar de gospel tudo aquilo que é confissão evangélica na cultura brasileira, sem se dar conta de que bem antes da grife existir já havia uma Igreja. Certamente, quando falo “Igreja” não penso em templos e capelas apenas, mas, sobretudo em pessoas que experimentam o Evangelho na vida. Os preguiçosos ignoram: a tal categoria de mercado ainda não chegou aos trinta. Fazem pouco caso da comunidade de fé da qual pertencemos. Nossos pais nos legaram uma família de dois milênios. Eles atravessaram gerações, errando e acertando, e chegaram ao Brasil há mais de quinhentos anos! Então, que influência é essa, de fato, na formação do nosso país? É preciso ver essa herança sem as lentes embaçadas da indústria do entretenimento, para além dos limites religiosos e acadêmicos, aproveitando as diversas cores e linhas denominacionais que de fato ajudaram a formar essa grande e singular obra de tapeçaria que hoje é pisoteada pela idealização de um Brasil sensualizado, trapaceiro, exótico, aristocrático, místico, racista, bêbado e baderneiro. A preguiça os impede de ver além do clichê. Estamos puxando esse tapete... Eu chamo você para ver de outro ponto. Te convido a abrir outras janelas. A duvidar do que lê nos jornais. A duvidar dos livros de sociologia. Proponho aqui uma mudança na abordagem do que é identidade brasileira. Nos últimos cem anos e, principalmente, depois da semana de arte moderna (1922) essa abordagem é dada por uma elite não cristã e anticristã, que olha para os crentes como “os outros”. E se pedíssemos agora para “os outros”, nós, os crentes, que construam essa abordagem; qual brasilidade será contada por esses que creem? Como será o Brasil de dentro “dos outros”? Vejo os crentes sendo violentados covardemente pela lógica de entretenimento religioso, por

um lado, e pela censura aristocrática e hipster no front oposto. É pela liberdade deles que grito. Grito por mim, em nome dos nossos pais, em respeito a sua herança e investimento. Grito inspirado em Cristo, instigado por Cristo, que não se dobrou nem diante da fúria dos sacerdotes cegos e corruptos, nem muito menos diante do governo tirânico e opressor daquela elite romana. Nem preciso falar de como Ele tratou os gregos... Grito a brasilidade de quem segue o Cristo, de quem voluntariamente se doa, de forma autêntica, sendo coautor desse movimento de fé, esperança e amor no meio do mundo. Movimento que alcançará os nossos filhos – se Ele antes não voltar – os brasileiros dos outros. Os outros brasileiros de nós mesmos! Marcos Almeida

O que será que pode acontecer quando alunos da USP, IFRN e UnB começam a pensar numa Música Brasileira de Raiz Cristã?

Recebi um e-mail muito curioso. Um jovem estudante da USP compartilhava sua vontade de escrever um artigo, onde aplicaria as teorias de comunicação ao analisar a indústria cultural brasileira. Pediu algumas sugestões de temas, o que fiz de imediato. Disse a ele, por que você não escreve sobre essa falácia da indústria cultural brasileira, resumida nesses três pontos:

- a) música gospel é todo e qualquer gênero musical de confissão evangélica
 - b) música religiosa é todo e qualquer gênero musical de confissão católica
 - c) toda e qualquer confissão religiosa não cristã é “cultura brasileira”.
1. Por que grande parte do repertório de Roberto Carlos não está na categoria (comunicação) religiosa (ou Catholic Music)?
 2. Por que Alindo Cruz, Zeca Pagodinho, Clara Nunes e muuuitos outros não são classificados segundo a confissão religiosa (Umbanda Music?), mas de acordo com os aspectos musicais?
 3. Se a Indústria Cultural é um Artefato, quem concebeu e por quais interesses se construiu tais estruturas no Brasil?

Bem, o mais curioso ainda é que o rapaz aceitou o desafio e escreveu o tal artigo. A Escola de Comunicação e Artes da USP deve estar lendo agora a tese que foi apresentada pela primeira vez aqui no Blog e que agora começa a fazer sentido para acadêmicos pelo Brasil a fora. A ideia é simples e foi resumida assim pelo rapaz:

“Este artigo proposto na disciplina Teoria da Comunicação se dedica a explicar o mercado musical brasileiro, considerando seu repertório como meio de comunicação que promove integração e desenvolvimento, mas destaca a logomaquia

no dualismo gospel/secular que revela as contradições produzidas pela indústria cultural e propõe uma solução na adequação morfológica de gospel para música brasileira de raiz cristã. Para tanto, apresenta breve histórico a respeito da arte e religião, fazendo referência às correntes filosóficas de cada época, expõe a atual situação do mercado musical brasileiro apontando sobre que estruturas e interesses este é condicionado e aponta um pós-movimento-gospel.”

[Victor Gomes Barcellos – A logomaquia do mercado secular/gospel na Música Brasileira, Dezembro de 2013]

Victor na USP, Marina na UnB, Alyne no IFRN (ainda falo delas) e tantos outros espalhados pelo Brasil, começam a produzir conhecimento e levar a sério a nossa tese de que nesse tanto de brasis misturados na amálgama brasileira, existe o Brasil dos que produzem arte, música, cultura, entretenimento, etc., a partir de uma visão de mundo cristã. Certamente essa produção não cabe no que se convencionou chamar, por diversos interesses extra artísticos, de mercado religioso.

Recebo essas notícias no mês em que um artigo meu foi parar na coletânea “Formação Sociocultural e Ética” do CESUMAR (Centro Universitário de Maringá). Bons motivos para comemorar! E estamos apenas com dois anos de Blog.

Bons ventos! Deus nos guie.

Abraço demorado e especial para os leitores que não só curtem a página, mas já partiram para a invenção! Marcos Almeida.

Os textos trazem em seu bojo uma reflexão profunda sobre a arte produzida por cristãos e também sobre a conduta dos artistas em relação cenário artístico brasileiro que se cria. No primeiro texto, o autor conta sua própria experiência numa grande gravadora, de ter conseguido adquirir autonomia artística para sua música não ser classificada pelas estruturas de mercado, mas sim por critérios artísticos e estéticos. O segundo texto traz um tipo de “convocatória” e chama a atenção para a existência de uma “brasilidade” que, segundo o autor, é preterida e ofuscada pelo *mainstream gospel* e pela mídia hegemônica. O terceiro texto mostra alguns indícios dessa “brasilidade” em algumas tentativas acadêmicas de universitários que começam a fomentar uma discussão mais aprofundada sobre essa nova maneira de produzir arte evangélica.

O uso dos gêneros do discursos ocorrem de maneira a convidar o leitor repensar o que se imagina quando o assunto é música evangélica e traz alguns termos que melhor se adequam ao vocabulário da “nova brasilidade”, que

surge dessa produção artística, como, “música brasileira tecida na esperança” e “música brasileira de raiz cristã”. O estilo dos textos são característicos, mostram-se por meio dos recursos estilísticos utilizados e de uma certa acuidade no uso de palavras, a escolha de certos meios lexicais, semânticos e fraseológicos que constituem os enunciados. No que tange ao conteúdo temático, os textos tratam de temas da esfera artística e as diversas maneiras de produção artística não relacionadas à indústria cultural *gospel*.

Há uma postura crítica em relação à arte produzida apenas como entretenimento religioso e há um convite para que o leitor conheça esse outro lado da produção artística, na qual ele denomina “nossa brasilidade”. A construção composicional traz a singularidade de um artista que faz bom da palavra no sentido de utilizar a potencialidade dos gêneros para comunicar aquilo que se propôs. O conteúdo temático se expressa nas distintas construções composicionais dos enunciados verbais e caracteriza um estilo próprio dos textos artísticos. Em relação à classificação, do ponto de vista bakhtiniano, os textos adquirem características dos gêneros primários onde o uso da língua se mostra de maneira mais fluida e direta, mas também pode apresentar características do gêneros secundários, pois as maneiras complexas do uso evidenciam as proposições do autor em teses e pontos de vista que tenta defender, dando um caráter de divulgação científica e acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De alguma maneira, o artigo realizou um esforço inicial de analisar alguns textos, artísticos sob uma perspectiva bakhtiniana. Buscamos encontrar pontos de intersecção entre a cultura evangélica por vezes, intolerante ao uso de elementos, “não-sagrados” em seu meio cultural. A análise observou que ambos os *blogs* possuem uma comunicação dialógica e as diversas vozes compõe uma pluralidade de visões que se enriquecem mutuamente. Sobre as características de cada portal, a Terceira margem do rio trata de questões do universo dos costumes, tradições e do cotidiano, imbuídos de uma conotação teológico-reflexiva. O Nossa brasilidade trata da ordem do “fazer artístico” de maneira crítica e reflexiva, com vistas a dar novos olhares às questões relacionadas ao universo musical evangélico brasileiro.

O grande volume de textos publicados nos portais não comportaria aqui, devido ao espaço, uma análise mais aprofundada acerca da natureza dos enunciados. Sugerimos para discussões futuras, a análise de outros textos

que possuem temática interessante e que podem adquirir novos sentidos e contornos em outros artigos.

Dentre eles, os textos que trazem em sua construção composicional menções a obras literárias: o texto #124, do “príncipe Michkin”, personagem de “O Idiota”, de Fiodór Dostoiévski⁵, estudado paralelamente à vida de Jesus Cristo. O texto #142, traça pontos de contato entre distopias do século XX: “Admirável Mundo Novo”, “Fahrenheit 451” e “1984” e a perversidade humana. O texto #110, onde o autor relata uma experiência vivida ao lado do poeta brasileiro Ferreira Gullar numa viagem de cinco horas Rio-São Paulo de carro, pois o poeta tinha medo de voar de avião. E por fim os textos dedicados ao poema “A terceira margem do rio” do escritor mineiro Guimarães Rosa o qual faz referência ao nome do portal, criado para ser uma “terceira via” em relação às discussões que envolvem o universo evangélico brasileiro.

No portal Nossa Brasilidade, podem ser estudados de maneira profícua os textos “A deliciosa antítese apocalíptica de Tom Zé”, que traça um paralelo com a leitura escatológica do apocalipse e a “felicidade que irá desabar sobre os homens” na apoteose da narrativa bíblica. “Brasil Pandeiro – Novos Baianos”, que traz uma análise da música “Brasil Pandeiro”, do disco “Acabou Chorar” sobre o encontro da arte com a fé que, segundo o autor, é o mesmo encontro de dois lados do mesmo rio. E “Jorge Ben e Jesus Cristo numa só música no mundo”, onde o autor assevera que as músicas “Brother”, de Jorge Ben, “Dê um rolê”, de Moraes Moreira, “Minha Festa”, de Nelson Cavaquinho e “Todos estão surdos”, de Roberto Carlos não podem ser utilizadas como parâmetro para definir gênero musical.

Pois se confissão de fé fosse parâmetro para definir gênero musical, Jorge Ben poderia ser considerado já nos 1970 um artista gospel, termo que só viria a ser utilizado no Brasil no começo dos anos 1990 e em outro contexto cultural. Na canção popular, artistas como Gilberto Gil, Caetano Veloso e Clara Nunes, confessam abertamente sua confissão de fé. Entretanto, não existe uma prateleira ou uma playlist de gêneros como “candomblé music” ou “umbanda music”. Por isso, cabe mobilizar novos modos de classificação para ressemantizar o trabalho dos artistas evangélicos contemporâneos. E os

⁵ Escritor russo em que Bakhtin dedicou grande parte de seus estudos. Os conceitos mais caros ao Círculo, como o dialogismo e a polifonia encontram nas obras do romancista russo o seu lugar de origem. Bakhtin considera Dostoiévski o criador do romance polifônico, aquele em que a consciência das personagens não está relegada à consciência do autor. Cada personagem possui autonomia, autoria e consciência própria.

gêneros do discurso, em sua potencialidade discursiva, podem contribuir de maneira proveitosa para essa empreitada semântica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marcos. Estilo musical e circuito cultural. **Nossa Brasilidade**, 2012. Disponível em: <http://nossabrasilidade.com.br/estilo-musical-e-circuito-cultural/> Acesso em: 2 jul. 2019.
- ALMEIDA, Marcos. Uma outra brasilidade. **Nossa Brasilidade**, 2014. Disponível em: <https://nossa-brasilidade.com.br/uma-outra-brasilidade/> Acesso em: 2 jul. 2019.
- ALMEIDA, Marcos. Tempo e eternidade, verde e amarela. **Nossa Brasilidade**, 2015. Disponível em: <http://nossabrasilidade.com.br/tempoeternidadeverdeeamarela/>. Acesso: 2 jul. 2019.
- BAKHTIN Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAKHTIN Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997a.
- BAKHTIN Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997b.
- BAKHTIN Mikhail/ Valentin VOLOCHINOV: **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 7º ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BRAIT, Beth. Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: Conceitos-chave. 5º ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: Outros Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010.
- CAMPOS, Maria Inês. Questões de literatura e de estética: rotas bakhtinianas. In: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin**: Dialogismo e Polifonia. São Paulo: Contexto, 2009.
- CORTINA, Arnaldo. O gênero e o estilo na literatura de autoajuda: A visão bakhtiniana de gênero e estilo e a perspectiva semiótica. In: PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grenissa (org.). **Círculo de Bakhtin**: Pensamento interacional. (Série Bakhtin inclassificável, 4 vols). Campinas: Mercado de Letras, vol.3, 2013.
- EMERSON, Caryl; MORSON, Gary. **Mikhail Bakhtin**: Criação de uma prosaística. São Paulo: Edusp, 2008.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2007.
- GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Epistemologia e gêneros do discurso no Círculo de Bakhtin **Linx**, [Online], v. 56, 2007. URL: <http://journals.openedition.org/linx/355>; DOI: 10.4000 / linx.355
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 21º ed. São Paulo: Cultrix, 2008.
- KOCH, Ingedore, Villaça. **A inter-relação pela linguagem**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1995.
- MACHADO, Irene. Os Gêneros e o corpo do acabamento estético. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Ed. Unicamp, 2005.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **“Dos meios às mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: Conceitos-chave. 5º ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28º ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

TERCEIRA MARGEM DO RIO: Nada de novo debaixo do sol: Disponível em: <http://terceiramargem-dorio.org/texto/4/> acesso em 04 jul. 2019.

TERCEIRA MARGEM DO RIO: Nada de novo debaixo do sol: Disponível em: <http://terceiramargem-dorio.org/texto/99/> Acesso em: 04 jul. 2019.

TERCEIRA MARGEM DO RIO: Nada de novo debaixo do sol: Disponível em <http://terceiramargem-dorio.org/texto/162/> Acesso em: 04 jul. 2019.

TRAVAGLIA, Luiz. Carlos. **Gramática e interação**: Uma proposta para o ensino de Gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996.